



# PRÁTICA COMO PESQUISA: PROVOCAÇÕES DE UM LUGAR ESCURO E AFROMATIZADO

*PRACTICE AS RESEARCH: PROVOCATIONS FROM  
A DARK AND AFROMATIZED PLACE*

*LA PRÁCTICA COMO INVESTIGACIÓN: PROVOCACIONES  
DESDE UN LUGAR OSCURO Y AFROMATIZADO*

**Victor Hugo Neves de Oliveira**  
**Kenny Severa**

**Victor Hugo Neves de Oliveira**

Artista e pesquisador das Artes da Cena. Professor do Departamento de Artes Cênicas e do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo (UFPB/CNPq).

E-mail: [dolive.victor@gmail.com](mailto:dolive.victor@gmail.com)

**Kenny Severa**

Artista. Filho de Ana Freitas e neto de Dona Dedé dá continuidade à herança da encantaria e do benzimento por meio de suas práticas de vida e conjurações realizadas taticamente em espaços artísticos. Tem formação em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco e, atualmente, realiza Mestrado em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integra o Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo (UFPB/CNPq).

E-mail: [kennyosevera@outlook.com.br](mailto:kennyosevera@outlook.com.br)

## Resumo

Este artigo busca compartilhar apontamentos sobre o contexto da prática artística como pesquisa. Parte-se do pressuposto de que o corpo de ascendência africana e indígena expressa um campo de resistência poética por meio da produção de gestualidades combativas às violências históricas. Destaca-se o interesse na prática como pesquisa em dança, orientada por uma perspectiva afromatizada, como um fenômeno que desafia heranças coloniais. Para tanto, discute-se o descanso como estratégia de criação e a desaceleração como proposição estética da pesquisa. Além disso, apresenta-se a prática artística Refluxo como um projeto vinculado à reimaginação do mundo.

**Palavras-chave:** Prática como pesquisa; Descanso; Desaceleração; Dança; Perspectiva afromatizada.

## Abstract

This article seeks to share notes on the context of artistic practice as research. It is based on the assumption that the body of african and indigenous descent expresses a field of poetic resistance through the production of gestures that combat historical violence. It highlights the interest in practice as dance research, guided by an afromatized perspective, as a phenomenon that challenges colonial heritages. To this end, the discussion revolves around rest as a strategy for creation and deceleration as an aesthetic proposition for research. In addition, the artistic practice Refluxo is presented as a project linked to the reimagining of the world.

**Keywords:** Practice as research; Rest; Deceleration; Dance; Afromatized perspective.

## Resumen

Este artículo busca compartir notas sobre el contexto de la práctica artística como investigación. Parte del supuesto de que el cuerpo afrodescendiente e indígena expresa un campo de resistencia poética a través de la producción de gestos que combaten la violencia histórica. Destaca el interés de la práctica como investigación en danza, guiada por una perspectiva afromatizada, como un fenómeno que desafía las herencias coloniales. Para ello, se discute el reposo como estrategia creativa y la desaceleración como propuesta estética de investigación. Además, se presenta la práctica artística Refluxo como proyecto vinculado a la reimaginación del mundo.

**Palabras clave:** Práctica como investigación; Reposo; Desaceleración; Danza; Perspectiva afromatizada.

## Introdução

Este artigo tem o objetivo de compartilhar determinados apontamentos sobre o contexto da prática artística como pesquisa. Nosso campo de interesse se situa, especificamente, nas corporeidades pretas e indígenas, partindo do pressuposto de que o corpo de ascendência africana e indígena expressa, potencialmente, um campo de resistência poética, por meio de gestualidades inconformadas com a naturalização das violências históricas realizadas desde o período colonial. Desta maneira, tal qual Oliveira & Cunha (2022), acreditamos que as práticas artísticas produzidas por subjetividades racialmente minorizadas sejam sínteses de uma experiência histórica e de uma qualidade de saber que não são abstratas, mas se encontram vinculadas às formas coletivas de lutas em favor da vida.

Por isso, reconhecemos a necessidade de observarmos a perspectiva da prática artística como pesquisa, a partir de uma abordagem discursiva que se alinhe com as estratégias de valorização dos saberes corporais africanos e indígenas. De modo geral, identificamos que referências teóricas e paradigmas construídos sobre a prática como pesquisa têm revelado um diálogo com narrativas históricas, fortemente marcadas por heranças discursivas coloniais que configuram, no campo dos Estudos em Dança, posições hegemônicas e consensos artísticos que se pretendem universais. Assim, nós nos perguntamos “como pessoas pesquisadoras, pretas e indígenas, integrantes do Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo (CNPq/UPPB), têm configurado um campo de experimentação da prática como pesquisa em seus processos de investigação artística nas universidades?”

A partir deste contexto, buscamos elaborar um processo de reconhecimento das estéticas de ascendência africana e indígena, as quais têm configurado um campo de luta antirracista no contexto da prática como pesquisa em dança. Especificamente, no âmbito do Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo (CNPq/UFPB), identificamos diversas pessoas pesquisadoras, cujo enfoque tem sido produzir conhecimento por meio da prática e dos sentidos da experiência em dança em suas investigações, a saber: Dendê Ma’at (Universidade Federal da Paraíba - UFPB), Judson Bezerra de Andrade (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN), Kenno

Severa (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN), Liana da Silva Cunha (Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC), Rafael Sabino da Silva (Universidade Federal da Paraíba - UFPB), Whander Allípia Sulurico Silva (Universidade Federal de Uberlândia - UFU).

Neste texto, optamos, especificamente, por observar as operações críticas da prática como pesquisa no trabalho investigativo do pesquisador Kenny Severa. Mestrando em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o pesquisador nasceu em Recife/PE, no dia 23 de setembro de 1994. Filho de Dona Ana Freitas e neto de Dona Dedé, o artista mora atualmente entre as cidades de Natal (RN) e Moreno (PE), e garante continuidade à herança familiar da encantaria e do benzimento, por meio de suas práticas de vida e conjurações praticadas taticamente em espaços artísticos. Aqui elaboramos um estudo sobre seus processos investigativos, buscando compartilhar protocolos de pensamento e criação que fundamentem a prática da pesquisa em Artes.

## Reflexões sobre corpo como pensamento e insurgência

De imediato, declaramos que a percepção de corpo adotada neste texto se estabelece a partir de noções afromatizadas<sup>1</sup> e originárias dos sentidos do corpo (Martins, 2021), o que envolve impulsos, memórias, imaginações, reflexões, movimentos e gestualidades para além da conformação física ocidentalizada. Essa percepção relaciona a anatomia corporal a uma complexidade de invisibilidades, as quais não correspondem à ordem da separabilidade estruturada pelo pensamento iluminista moderno (Silva, 2019).

Conforme Bernardino-Costa et al. (2020) e Grosfoguel (2006), a ordem da separabilidade entre corpo-mente, emoção-razão e humano-natureza expõe princípios organizadores de uma geopolítica do conhecimento, cuja base histórica mais acirrada se encontra na formulação de Descartes elaborada em 1637: “penso, logo existo”. Para os autores, a expressão representa a base da tradição

---

1. Conceito elaborado pela pensadora Leda Maria Martins, em sua obra *Performance do tempo espiralar: poética do corpo-tela* (2021), para se referir às formas performáticas de ascendência africana e ao conjunto de manifestações expressivas que evocam valores, percepções de mundo e sentidos culturais negros.

de pensamento que se imagina produzindo um conhecimento universal, através da ideia do homem europeu e branco como pessoa desracializada.

Por sua vez, Silva (2019) busca transtornar a continuação do pensamento moderno sobre corpo, mobilizando o potencial radical abrigado nas corporeidades de ascendência africana-indígena e propondo a ativação da força interruptiva da negrura. Dessa maneira, por meio de um experimento de pensamento, isto é, através da imaginação redirecionada, nomeada pela autora como equação do valor, a filósofa desenha proposições que visam “ajudar a imaginação a fugir dos cercos do pensamento moderno” (Silva, 2019, p. 122), levando-nos a compreender que se faz possível combater as sentenças, ou seja, as premissas que se pretendem universais, através do corpo.

Imaginar o sentenciamento da sentença da universalidade representa furá-la numa dimensão radical, transformando esse furo, ainda que brevemente ligeiro, em algo incicatrizável. Essa proposição estimula um golpe de força, uma redefinição de atitudes e um risco cravado às estruturas normativas e reguladoras da realidade que se pretende indiscutível, com um material de pensamento que, além de perfurar essa imaginação limitante, é abandonado nesse rasgo ou ferimento sistêmico. Dessa maneira, entendemos que mobilizar esse procedimento ferreiriano seja de importância imensurável para a fratura que se pretende efetivar nos pilares do mundo moderno. O furo na universalidade que sentencia a naturalização dos abusos, violências e desigualdades é uma atitude do corpo que representa não apenas uma elaboração discursiva, mas uma mobilização política e tática (Silva, 2019).

Nesse contexto, podemos considerar o corpo como espaço sensível de geração de pensamento africano e indígena, por conseguinte, situando o ato de dançar não apenas como um objeto de estudo, mas como um procedimento de pesquisa e um modo de produção de conhecimento inovador. Essa maneira de produzir conhecimento estabelece um combate ao textocentrismo como fenômeno preponderante do próprio conhecimento, levando-nos a romper com os sentenciamentos, com os sentidos dicotômicos modernos e com a ideia mecânica que opera as bases das epistemologias ocidentais. Afinal, a produção do conhecimento inovador passa a se relacionar com propostas diversificadas de criação e com provocações políticas que operam transformações no panorama da vida.

A prática africana-indígena como pesquisa se estabelece, portanto, como enfrentamento de toda política colonial, racial e patriarcal, cujo ponto axial é a impossibilidade da mudança e o estímulo à permanente subjugação do corpo. O combate a essa sentença da impossibilidade pressuposta expressa uma insurgência não apenas de ordem epistemológica, como também moral, ética, política, estética, estrutural, social e ontológica, consolidando a pesquisa como manifestação do vivido.

Estas investigações apresentam um desejo de reorientação da vida sentenciada pelos ditames coloniais, além de elaborar possibilidades de expandir o entendimento sobre corpo e, com isso, estabelecer procedimentos de criação autônomos, baseados em técnicas afromatizadas que não apenas “recuperam traços estilístico-culturais, ressignificam o ambiente,” como também “reinvestem de poder a pessoa” que se movimenta (Martins, 2021, p. 47). O interesse é sentenciar a sentença colonial, isto é, transtornar e marcar transformações nas premissas que se pretendem universais, como um projeto artístico-criativo, e revelar a urgência de pensarmos a respeito de pesquisas em dança que fracturem lógicas de organização do corpo, pautadas em expressões normativas que impossibilitam um contato radical com o próprio corpo.

O sentenciamento da sentença como processo artístico e criativo requer uma experimentação livre consigo, um experimento da pessoa com o seu próprio corpo em um nível que aquilo que é considerado vão ou inútil seja reencenado, recuperado, valorizado e estimulado. Essa atitude constrange uma das imaginações mais eficazes fabricada e materializada pela herança colonial em nossos corpos: o apego violento àquilo que é útil, eficaz, relevante, importante e necessário. Configuram-se, portanto, experimentos de pesquisas que se pretendem insignificantes, por meio de propostas desimportantes para o contexto genocida da sociedade brasileira, mas profundamente marcadas por políticas de vida urgentes e necessárias para as existências pretas e indígenas.

Desejamos, então, que essas propostas insignificantes possam contribuir com o panorama contemporâneo da prática como pesquisa, com o anúncio de uma gestualidade inútil, ineficaz e irrelevante à produtividade colonial-capitalista. Imaginar a possibilidade de pesquisar o descanso e a desaceleração como componentes metodológicos afinados com a construção artística

pode colaborar com formulações críticas sobre a celeridade das produções artísticas e, simultaneamente, promover práticas de reconexão radical com fundamentos afromatizados e originários.

### **Pesquisas insignificantes: notas sobre uma proposta desimportante**

Diante do exposto, o artista e pesquisador Kennyo Severa revela o ato de descansar como um dos princípios fundamentais desenvolvidos em sua investigação, definindo-o como um modo de organização do corpo que combate às lógicas de produtividade estabelecidas pela exploração colonial-capitalista. Re-pousar expressa um ato de insignificância que localiza a pesquisa como miudeza (Barros, 2013). Por isso, inspirado em Martins (2021) e Mombaça (2021), o artista busca combater a linearidade do tempo e, igualmente, descontinuar a reencenação do mundo colonial.

Um dos movimentos que mais executei nos últimos anos nas minhas salas de ensaio foi a atitude de descansar. Chegar, preparar o espaço, trocar de roupa, dispor os utensílios que iria utilizar e começar a descansar meu corpo. No processo de descanso eu sempre percebia que essa era a sentença germinal que eu precisava acionar. Afinal, a sentença colonial/racial/capital/generificante nos faz perseguir um movimento de aceleração e produtividade que desgasta o corpo e calcifica, nesse mesmo corpo, um funcionamento linear; funcionamento que é uma herança do tempo-linear colonial. Não acredito que manejar esse sentenciamento à sentença seja algo fácil, ao contrário, a sentença colonial é arbitrária e violenta, mas agir nessa contra-frequência me reconecta com a possibilidade de não continuar reencenando esse mundo como o conhecemos (Severa, 2024).

A repetição do descanso é uma estratégia de reorientação de movimentos e gestos que passam a estetizar e materializar, em campos de maior densidade, imaginações e pensamentos gestados durante o re-pouso. Desse modo, o descanso como processo de redefinição criativa é uma atitude que prevê reconfigurações no corpo. Ele expressa um potencial furo na estrutura social colonial-capitalista, o que possibilita um contato radical com o corpo afromatizado, provocando fluxos que alteram a relação pessoa-mundo e mundo-pessoa.

Comecei a perceber, com a repetição dos descansos, que algo acontecia. Era como se eu me desvinculasse de forma radical da sentença colonial vinculada à produção, porque estava ativamente buscando o descanso. Posso dizer que o descanso é uma atitude e uma ação, porque ao invés de recorrer a uma ativação abrupta do corpo e continuar obsessivamente na busca pelo esgotamento físico, além dos supostos momentos de gestos involuntários que o esgotamento pode fornecer, meu corpo acionava primeiro uma imersão no relaxamento. E não é que o esgotamento não participe dos meus processos na dança, mas não é o único mecanismo, nem supre a potencial força política que acredito ter na desaceleração (Severa, 2024).

A desaceleração é, portanto, uma premissa importante na configuração do descanso como proposição estética de pesquisa, o que estrutura uma plataforma de sensibilidades políticas bem como mecanismos combativos às dominações coloniais e capitalistas. Nesse sentido, é urgente reconhecer que os corpos pretos e indígenas produzem experiências e conhecimentos específicos que configuram criações artísticas como modos de crítica, autor-reflexão e proposição a partir de diferentes maneiras de se conceber e viver o tempo, o espaço, a subjetividade e a comunidade (Maldonado-Torres, 2020). Por isso, consideramos que a prática preta e indígena como pesquisa instaura a emergência de um compromisso com o corpo enquanto um fenômeno vinculado com um modo de operacionalizar estratégias de enfrentamento das subalternizações, marginalizações e invisibilidades dos corpos de ascendência africana e indígena.

Acreditamos, assim como McNamara (2012), que a vinculação da prática como pesquisa a uma comunidade de investigação, evitando fazer da própria prática criativa o único foco da pesquisa, mas, ao invés disso, estabelecendo uma revisão de literatura rigorosa, examinando práticas e contextos criativos ou culturais plurais, precedentes históricos ou temas partilhados explorados em outros trabalhos, pode permitir certo grau de distanciamento crítico em relação à prática. Mas, igualmente, compreendemos que nos encontramos imersos em um contexto político e, por isso, muitas de nossas práticas como pesquisa se configuram como plataformas étnicas e éticas, as quais buscam desestabilizar hegemonias no campo das Artes e transformar socialmente o mundo em uma complexa intimidade em

relação à pesquisa. Como insinua Fernandes (2013; 2014a), a prática como pesquisa consiste em um processo que expressa condições de estudo para além do “artístico” ou “em artes”; uma condição na qual o tema é o próprio método e a própria política de investigação.

Neste caminho, observamos que a prática como pesquisa pode tensionar os entendimentos de corpo e a radicalidade política das investigações em danças produzidas por corpos pretos e indígenas. Atinge-se, com isso, não o “fim do fim”, mas a sentença do fim para que o que seja axial na manobra de imaginar seja a continuação indeterminada da possibilidade, destruindo-se aquilo que limita a imaginação, ou seja, a determinabilidade da própria imaginação em formato de sentença colonial. Este seria o gesto em si de sentenciar a sentença com a possibilidade de transformação, descontinuidade e mudança.

### **Refluxo: prática artística como pesquisa**

O trabalho *Refluxo*, uma das mais recentes investigações realizadas por Kenny Severa, é uma pesquisa que se inicia a partir do interesse de confrontar sentenças coloniais que agem para que o mundo se estruture de acordo com o tempo-linha, estabelecido por sequencialidades de herança moderna (Ferreira da Silva, 2019). *Refluxo* é uma conjuração artística que deseja integrar produção de dança e pesquisa. De forma mais pragmática, as imagens e as configurações de *Refluxo* surgem como uma possibilidade de deslocar o pensamento. São folhas e chás de espinheira santa, vísceras bovinas, plásticos, linhas, agulhas, alfazemas e um corpo nu que se move de modo livre.

As imagens surgem de um desejo de conjurar, invocar ou criar um complexo de corpo afromatizado que rompa com a lógica do cotidiano. As ações se configuram em formato de sequências que organizam programas de movimentos: (I) fazer o chá de espinheira santa; (II) oferecer o chá na entrada para as pessoas que participariam da conjuração; (III) perguntar se elas aceitariam junto com o chá um abraço, e se poderiam em um momento específico participar da conjuração lendo em voz alta o texto que estava disposto em cena.

O apelo pelo re-pouso se estrutura como dança. Em conjuração, Kenny Severa não cumpre a exigência colonial de explicação e comunicação por

meio da narrativa historicamente determinada. Em busca da descontinuação da sentença colonial, o artista experimenta radicalmente o próprio corpo. Após essas sequências iniciais, o artista se direciona para o interior de um círculo demarcado com folhas de espinheira santa e inicia o procedimento de enxerto das folhas nas vísceras. Utilizando-se de tesoura, linha e agulha, amassa as folhas com a mão e constrói um processo de redirecionamento daquelas vísceras, para que depois, já enxertadas com as folhas de espinheira santa, sejam acopladas em seu corpo.

O chá de espinheira santa colabora para melhorar a digestão, gastrite, dor epigástrica, azia e refluxos, agindo no muco protetor onde há a produção de enzimas. Ao aumentar a quantidade desse muco e retardar a ação do ácido clorídrico, o efeito do chá é um alívio para as paredes do estômago, órgão que sofre diretamente com ansiedades e violências geradas pelo racismo. Por isso, em *Refluxo* o artista cria zonas de conjurações com esses materiais (espinheira santa e vísceras bovinas), reconectando-se com as sabenças oriundas das suas heranças ancestrais e metaforizando os saberes sobre a ação do chá de espinheira santa no retardamento e descanso do estômago irritado.

**Figura 1**



Fonte: Acervo pessoal, 2023 (Imagem de Ton de Souza).

A prática de *Refluxo*<sup>2</sup> reivindica a instalação de um corpo conjurado em estreita simbiose com a terra e o universo. O interesse na execução de movimentos se encontra vinculado à possibilidade de comunicar a potência do re-pouso; os instantes de conexão fabricados entre a ação e a inércia; o gesto de desvinculação e revinculação do descanso; a conexão com o saber ancestral do artista.

De certa maneira, os registros evidenciam um gradiente de invisibilidade que confronta a sentença do corpo colonial-capitalista. Alteramos o tempo de exposição da câmera para capturar em formato de imagens uma qualidade de tempo em re-pouso pois ralentar o tempo é um exercício metafórico no sentido de transtornar os modos de organização da visibilidade e da própria vida. A intenção de *Refluxo* consiste em radicalizar a noção de sentença e elaborar danças como pensamentos, operando-se uma reinvenção dos sentidos de corpo e se estabelecendo conjurações de gestos vinculados ao mundo.

**Figura 2**



Fonte: Acervo pessoal, 2023 (Imagem de Júlia Cunha).

2. As imagens de *Refluxo* que integram esse texto se referem à realização da pesquisa na sede do grupo pernambucano O Posto Soluções Luminosas, no dia 04/08/2023, às 19h30 em Recife/PE. Os registros foram realizados pela artista e escritora alagoana Júlia Cunha e pelo ator pernambucano Ton de Souza, ambos amigos pessoais do artista.

Dessa forma, acredito complexificar o meu eu singular ao convidar que as demais pessoas participem dessa feitura. Isso se dá quando o traquejo desse corpo outro, corpo-feito, que começa a se movimentar no espaço, ativa a execução desse fluxo redirecionado, contraposto à sentença que implica que os corpos fluam de acordo com o tempo-linear ocidental. Ademais, todas as pessoas presentes irão perceber, no decorrer da obra, que aquele corpo é uma conjuração conjunta. Aquele corpo é uma matéria feita por muitas pessoas e que também está dentro das pessoas, porque elas tomaram o chá e receberam o meu abraço no início. Ou seja, elas aceitaram o convite para participar, fluir e construir comigo aquele corpo redirecionado. Aceitaram o convite para sentenciar a sentença colonial que não tem espaço para que esse contato radical com o corpo possa ocorrer. Essa é uma tentativa minha de experimentar a implicância e sentenciar a separabilidade. Não sei se é uma tentativa interessante para outras concepções de excelência, mas para mim é fundacional (Severa, 2024).

O ato de elaborar danças como pensamento estabelece um diálogo com um conjunto de princípios que Fernandes (2014b) aponta como fundamentais para a convergência entre prática e pesquisa: I) a criatividade relacionada à produção de novos conhecimentos e experiências; II) a mutabilidade vinculada ao contexto, à linguagem e à perspectiva da pessoa pesquisadora; III) a corporeidade e ambiente como estruturas basilares da execução, tanto das práticas artísticas quanto das pesquisas acadêmicas.

Por isso, a experimentação de *Refluxo* como arena de investigação artística expõe corporeidades criativas em mudança no espaço, revelando intrigas, dissensos, modos de organizar experiências, circunstâncias, frequências, perspectivas, memórias e inquietações. Uma provocação artística que parte de um campo de vivências, de ações de contra-violências, de gestualidades inconformadas com a naturalização da violência racial e da guerra perpetuada pelo sistema colonial-capitalista. Um conjunto de ecodanças, ou seja, danças em defesa das vidas pretas e indígenas (Oliveira; Cunha, 2022, p. 12). Danças de cura, danças sobre cura.

Nesse sentido, a sequencialidade e linearidade das sentenças modernas é sentenciada pelo próprio corpo, todas as vezes em que gestos, pensamentos e movimentos são criados em contraposição às heranças coloniais, as quais proclamam violentamente um contato superficial das pessoas com

os próprios corpos e uma impossibilidade de imaginar de forma reorientada as configurações do mundo e do conhecimento. Por isso, depreendemos que o sentenciamento da sentença colonial seja uma revolução, antes de tudo, corporal. Igualmente, acreditamos na dança como um espaço de produção de pensamento e conhecimento, uma tática de sentenciamento da sentença colonial capaz de transtornar, a partir de uma perspectiva africana-indígena, o limite do contato com o próprio corpo, além de descontinuar a morte de ontem no hoje.

### Considerações Finais

Este texto buscou compartilhar entendimentos sobre a prática artística como pesquisa. Diante da complexidade das narrativas históricas vinculadas às experiências das pessoas de ascendência africana e indígena, concluiu-se que as produções artísticas constituem poderosas tecnologias de resistência e organização do conhecimento. Destacou-se o interesse na prática como pesquisa em dança, orientada por uma perspectiva afromatizada, como um fenômeno que desafia os sentenciamentos modernos e o estabelecimento da captura da imaginação pela sequencialidade linear e progressiva do mundo.

Nesse contexto, introduziu-se a noção de descanso como uma estratégia de desaceleração que subverte a lógica de produtividade imposta pelo sistema colonial-capitalista, permitindo um contato radical com o próprio corpo e uma reconfiguração dos modos de existir. Além disso, apresentou-se o descanso como uma estratégia de reorientação de movimentos e gestos, uma prática de redefinição criativa cuja atitude prevê reconfigurações no corpo em re-pouso e alterações da relação pessoa-mundo e mundo-pessoa.

A partir da análise da prática de *Refluxo*, do artista e pesquisador Kenny Severa, buscou-se confrontar a desvalorização do corpo como um espaço sensível de geração de pensamento e de insurgência. Desta maneira, organizou-se reflexões sobre o corpo como um lugar de revolução e sobre a dança como um espaço de produção de pensamento e conhecimento capaz de transtornar o mundo. Indicou-se a prática artística africana-indígena como um ato de pesquisa capaz de desafiar as estruturas da opressão e de colaborar em processos de reimaginação do mundo para além do que se configura como possibilidade.

Compreendeu-se que, ao investigar a possibilidade da desaceleração e do descanso como métodos adotados para a construção cênica *Refluxo*, Kenny Severa aproximou em seus processos poéticos o interesse pela recuperação de sabenças ancestrais e pela criação de estéticas críticas. Além disso, ao investigar o re-pouso e tentar desacelerar o fluxo moderno, o artista passou a reinventar temporalidades na conjuração de outros corpos. Essa constrição no tempo, a negação da prosperidade colonial ou mesmo a desaceleração inútil do fluxo determinado e sequencial organizaram movimentos, a priori, desinteressantes, desimportantes, faltosos e erráticos, mas livres.

Por fim, concluímos que a investigação contribuiu, de modo significativo, conquanto limitado, para o campo da prática como pesquisa por estruturar reflexões, gestos, pensamentos e movimentos combativos às heranças coloniais. Possibilitou também a abordagem de um conjunto de vivências corporais que colaboram com o fortalecimento da Dança como uma área do conhecimento, tanto qual com a preservação, a valorização e o cuidado dos modos de produção de pesquisa pretos e indígenas.

## Referências

- BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. São Paulo: LeYa, 2013.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Introdução. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- FERNANDES, Ciane. **Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração**. ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes, v. 1, n. 2, p. 76-95, 1 maio 2014a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- FERNANDES, Ciane. **A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa**. In.: Anais do VIII Congresso da ABRACE. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014b. Disponível em: <https://www.publition-line.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4626>. Acesso em 14 abr. 2024.
- FERNANDES, Ciane. **Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística**. Dança: Revista do Programa

- de Pós-Graduação em Dança, v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/9752>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Living Commons, 2019.
- GROSGOUEL, Ramón. **La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global**. In: Tabula Rasa, n. 4, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600402>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. In.: BERNARDINO-COSTA, Joaze et al. (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- MCNAMARA, Andrew. **Six rules for practice-led research**. In.: Journal of Writing and Writing Programs, 2012(S14), pp. 1-15. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/54808/>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- OLIVEIRA, Victor Hugo Neves de; CUNHA, Liana da Silva. **Ecodaças: reflexões sobre práticas artísticas afro-indígenas como pesquisa**. ARJ – Art Research Journal. Natal. v. 9, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/28917>. Acesso em 14 abr. 2024.
- SEVERA, Kenno. **Entrevista sobre Prática como Pesquisa** concedida a Victor Hugo Neves de Oliveira. Natal, 20 de março de 2024.